

Presidente anuncia obras para 99

Antônio Lacerda

LUCIANA NUNES LEAL

No discurso em que anunciou investimentos e obras já para o próximo ano, em uma nova etapa do programa Brasil em Ação, o presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem no Rio que torce para que a oposição “não seja tão tosca, não tenha posições primárias e binárias” sobre o desenvolvimento da economia. Candidato à reeleição, Fernando Henrique não se intimidou em anunciar obras para 1999. Informou que serão investidos mais R\$ 4,4 bilhões em 18 novas obras do Brasil em Ação. O valor soma recursos públicos e privados.

Na maior parte da meia hora de pronunciamento, o presidente relacionou dezenas de obras e relatou os feitos de “infra-estrutura física e social” de seu governo. Defendeu um governo voltado para o mundo globalizado e não para políticas dirigidas “para o próprio umbigo”.

No balanço dos dois anos do plano Brasil em Ação – feito na abertura do seminário *Eixos nacionais de integração e desenvolvimento* –, Fernando Henrique informou que foi investido pelo governo e pela iniciativa privada o total de R\$ 60 bilhões, sendo R\$ 30 bilhões na área social e R\$ 30 bilhões em infra-estrutura. Só na Região Sudeste, foram R\$ 15 bilhões. Com ajuda de transparências mostradas em telões no auditório do hotel Rio Palace, em Copacabana, o presidente mostrou uma tabela sobre empregos assegurados no Sudeste com o plano de ação do governo. Não falava de empregos gerados, mas dos que foram mantidos. “Estamos hoje com a obsessão da geração de empregos e é mais do que justa. Mas tão importante quanto gerar é manter, dar condições para a manutenção de empregos”, afirmou. Os números indicavam 626.463 mantidos no Sudeste desde o início do Brasil em Ação, em agosto de 1996.

Fernando Henrique deu alguns recados à oposição, que tem centrado

críticas no aumento do desemprego no país. Falando dos 42 empreendimentos do programa, o presidente declarou: “Tudo isso tem capacidade de gerar emprego, porque emprego não se gera com gritaria e demagogia, se gera com trabalho.”

O presidente disse que o governo faz questão de “manter um clima de diálogo”. Mais uma vez, insistiu na importância de uma administração voltada para as questões internacionais. “Os desafios não podem mais ser resolvidos somente olhando para o umbigo. Não podemos imaginar um padrão de desenvolvimento voltado para dentro. O que não quer dizer que se tem desenvolvimento voltado para fora.” Para Fernando Henrique, a oposição a esse princípio “é pobre”. “O desenvolvimento tem que ser pensado no interesse mais amplo, mas não elimina o interesse nacional, a vontade política, a necessidade de que as sociedades nacionais se organizem para a cooperação dentro e fora de seus limites”, declarou.

Fernando Henrique anunciou números grandiosos. Por exemplo: as estimativas são de que, do início do Plano Real, há quatro anos, até 2003, sejam investidos no Brasil R\$ 440 bilhões, em dinheiro público e privado. “Saímos da letargia, da inflação, da corrupção, da desordem, da falta de projeto”, discursou. Depois, leu números que lhe foram passados pelo ministro do Trabalho, Paulo Paiva: entre 1997 e 2003, serão investidos R\$ 218 bilhões no setor de comunicações, com 5,6 milhões de empregos diretos.

Ao comentar os investimentos em transporte, o presidente citou a extensão do metrô do Rio e aproveitou para provocar o governador do Distrito Federal, do PT. “Frequentemente vejo na televisão propaganda do governo de Brasília sobre o metrô. É verdadeira, é feito em Brasília. E o dinheiro é nosso”. Não quis, no entanto, parecer estar competindo com o petista. “Não importa, é bom para Brasília, é bom para o povo, para o país. Não se trata de disputar quem faz o quê”, completou.



Em seu discurso, Fernando Henrique defendeu um governo voltado para o mundo globalizado

Ministério será renovado

Se for reeleito, o presidente Fernando Henrique Cardoso fará “modificações grandes” no ministério. “Acho muito ruim o repeteco, a gente tem que ir para frente, inovar. As pessoas se cansam de determinadas funções. Não pensei nisso porque antes é preciso ganhar a eleição. Mas a minha inclinação são modificações grandes”, afirmou Fernando Henrique ontem, em entrevista que foi ao ar no *Jornal da Manchete*. O presidente disse que não haveria nenhum sentido em deixar a presidência para fazer campanha, como fizeram os governadores Mário Covas e Antônio Britto, e explicou os motivos, a começar pela transferência dos poderes a um vice. “Conflito ético haveria de qualquer maneira, porque você deixa o vice e o vice pode até abusar mais do que o titular”.

Na entrevista à jornalista Márcia Peltier, Fernando Henrique disse que, como presidente da República, tem responsabilidades que não poderia abandonar para tentar a reeleição. “Tem implicação sobre a moeda, sobre o que vai acontecer na política internacional, a representação do Brasil. Fica um vazio esquisito”.

O presidente acusou o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a oposição de explorarem a seca com fins eleitorais. “Hoje o MST e a oposição usam a seca eleitoralmente, mas a antiga indústria da seca acabou”, afirmou. Fernando Henrique defendeu-se dos ataques de adversários por causa da venda da Telebrás e lembrou que o governo tem 20% das ações. “Para fins políticos dizem que o governo está entregando. Os governos passados já venderam a Telebrás sem que ninguém soubesse. Só temos menos de 20%. E ninguém reclamou”, afirmou. A venda, disse, acontece para atender ao consumidor. “Não temos de onde tirar para expandir”, disse.

O presidente falou dos “calos” do governo, como desemprego, disse que está sofrendo com a Copa mas confia no técnico Zagallo e confessou que, se entrasse para a história, gostaria que fosse como aquele que pôs “um ponto final na Era Vargas”.